

DISLEXIA E SEUS IMPACTOS NA APRENDIZAGEM

Lica de Assis Sérgio¹Elissandra de Lima Gouveia de Moraes²Mariana Sena da Mata³

RESUMO: Este estudo traz uma abordagem sobre a Dislexia e seus impactos na aprendizagem, apresenta uma análise sobre as dificuldades e as características que provavelmente influenciam o desenvolvimento educacional do indivíduo disléxico, uma vez que qualquer tipo de transtorno ou necessidade especial seja impactante no processo de aprendizagem do aluno, diferenciando-o dos demais. A metodologia utilizada foi a de cunho bibliográfico, com método qualitativo, a partir de uma análise do livro “João, preste atenção!”, da autora Patrícia Secco, e outros referenciais que versam sobre o tema de forma contextualizada a fim de buscar conhecer e aprofundar sobre a Dislexia, seus sintomas, diagnósticos e intervenção, e mostra os desafios de se trabalhar com alunos disléxicos em sala de aula. Nesse sentido, há grande necessidade de conhecimento sobre esse transtorno, pois, na atualidade, é um dos transtornos mais presentes na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia. Transtorno. Dificuldades de aprendizagem.

DYSLEXIA AND ITS IMPACTS ON LEARNING

ABSTRACT: This study brings an approach to Dyslexia and its impacts on learning, presents an analysis of the difficulties and characteristics that probably impact the educational development of the dyslexic individual, since any type of disorder or special need impacts the process of learning. student learning, thus differentiating him from the others. The methodology used was bibliographic with a qualitative method based on an analysis of the book, João, pay attention! by the author, Patrícia Secco, and other references that deal with the theme in a contextualized way in order to seek to know and deepen, about Dyslexia, its symptoms, diagnoses and intervention. and shows the challenges of working with dyslexic students in the classroom. In this sense, there is a great need for knowledge about this disorder, as it is currently one of the most present disorders in school.

KEYWORDS: Dyslexia. Disorder. Learning difficulties.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo aborda uma discussão relevante sobre a dislexia e seus impactos na aprendizagem, uma vez que qualquer tipo de transtorno pode interferir no desenvolvimento da

¹Graduada em Pedagogia. E-mail: licaassis7@gmail.com.

²Especialista em Psicopedagogia e em Gestão para o Ensino Superior. Professora do município de Barra do Garças-MT. Docente no curso de Pedagogia do Centro Universitário Cathedral – UniCathedral. E-mail: elissandra.moraes@unicathedral.edu.br.

³Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa. Professora do Colégio Cathedral em Barra do Garças-MT. E-mail: senadatamariana@gmail.com.

leitura e da escrita. Diante do exposto, tem-se como objetivo analisar os principais conceitos que estão relacionados à dislexia, sua identificação e certas possibilidades de intervenção pedagógica, e aprofundar nas reflexões teóricas, visando ajudar a criança com transtorno na fase escolar, partindo da análise do livro “João, presta atenção!”, da autora Patrícia Secco. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e científica em torno de autores e obras consagrados no assunto.

Busca-se destacar a importância da escola enquanto instituição, uma vez que ela é responsável pelo desenvolvimento e pela formação do indivíduo, devendo zelar pela organização de medidas que vão ao seu encontro no que ele precisar, de forma a contribuir com o aprendizado, uma vez que lhe é garantido por lei o direito à educação.

Pensando nesse cenário, se faz necessário entender: como a escola pode ajudar as crianças disléxicas? Quais são as contribuições e como professor tem lidado com a dislexia e os seus impactos no processo de aprendizagem?

Além dessas importantes questões, é preciso também entender como se dá o desenvolvimento de metodologias apropriadas para lidar com esse transtorno, uma vez que os métodos utilizados influenciarão diretamente no desenvolvimento da aprendizagem da criança disléxica.

É de suma importância a implantação e implementação de políticas públicas direcionadas para a efetivação de uma escola que se configure de forma inclusiva, possibilitando a formação específica para professores e garantindo a utilização de recursos didáticos e pedagógicos, que são muito importantes para atender o aluno com esse tipo de transtorno.

Diante disso, há necessidade de que o profissional da educação adote uma nova postura em relação ao processo ensino-aprendizagem das crianças com dificuldade na leitura e na escrita.

2. METODOLOGIA

O estudo se deu a partir de pesquisas bibliográficas de diferentes referentes teóricos, a fim de estabelecer uma sucinta contribuição para a análise das práticas pedagógicas e das perspectivas de melhoramento dentro do âmbito escolar. Adotou-se como amparo o livro “João, preste atenção!”, de Patrícia Secco.

Para fundamentar a pesquisa, foi feito um estudo bibliográfico com autores como Chateau (1987), Kishimoto (1994), Lima (2002) e Fernandes (2008), bem como artigos que

abordam a importância do papel da escola, principalmente do professor, na prevenção e condução adequada do processo de ensino-aprendizagem de crianças que tenham dificuldades na aprendizagem devido à dislexia.

Aponta-se como os profissionais da educação trabalham e desenvolvem metodologias de ensino, com intuito de diminuir as barreiras que impedem o processo de ensino aprendizagem de portadores de necessidades especiais.

3. A TEMÁTICA DA DISLEXIA ABORDADA EM “JOÃO, PRESTE ATENÇÃO!”

Dislexia não é uma deficiência, é uma condição que, se estudada e trabalhada, pode ser contornada, a fim de garantir os direitos humanos necessários para o desenvolvimento da formação educacional e cidadã do indivíduo. Segundo Ianhez e Nico (2002), é um distúrbio de origem neurológica, congênito e hereditário, sendo comum apresentar-se em parentes próximos, com maior incidência no sexo masculino, atingindo cerca de 15% da população. A Dislexia não é uma doença, portanto, não existe cura. Ela se caracteriza pela apresentação de uma diversidade de sintomas que permanecerão por toda a vida do indivíduo. A pessoa diagnosticada com Dislexia precisa de acompanhamento e tratamento adequado, para que possa desenvolver as habilidades possíveis de aprendizado, levando em consideração sua condição e suas limitações.

3.1 IMPACTOS E METODOLOGIAS NA APRENDIZAGEM

Dislexia, assim como outros tipos de transtornos, interfere no processo de aprendizagem do aluno, e essa condição precisa ser respeitada no processo de alfabetização do aluno especial. Kishimoto (2004) vê esse processo como algo que deve englobar o lúdico como forma de aprender, assegurando a importância de um trabalho articulado com a criança e envolvendo seus aspectos cognitivos, sociais e interativos e, através dele, a compreensão do mundo, como uma forma de fantasiar para explorar o ambiente. Château (1987) ressalta que essas crianças são seres que brincam, jogam, e podem fazer um paralelo entre o ensinar e o aprender, assim sendo, o ato de brincar mantém a harmonia. De acordo com Château (1987, p. 14), “Uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”. Condemarin (1986) ressalta que a identificação da criança com dislexia pode ser feita nos primeiros anos de alfabetização e que, de fato, pode estar ligada à dificuldade na leitura. Trata-se de um distúrbio e precisa primeiramente ser caracterizado como tal para que haja

intervenção no processo de aprendizagem. Peloso e Silva (2014) concebem que os diferentes espaços que a criança vê devem ser respeitados e conservados, dessa forma, ela não deve ser pressionada e nem coagida. É um processo social entre família e escola. O livro “João, preste atenção!”, de Patrícia Secco, aborda a história de um aluno que possui dificuldades para se concentrar na escola, chamando a atenção para o fato de que essa falta de atenção está diretamente associada ao distúrbio de aprendizagem em decorrência da Dislexia, e pode afetar crianças e adultos. O livro chama atenção a respeito da vertente do olhar do educador no aprendizado do aluno e no prestar atenção a essas situações, que podem acontecer em sala de aula, quando é evidente que, apesar dos esforços, o aluno não apresenta resultados satisfatórios e produtivos como acontece no enredo do livro.

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016).

Os pais, os responsáveis e a escola devem estar sempre atentos com o propósito de zelar pelo bem estar da criança, assim sendo, é evidente que um ambiente acolhedor como o que João encontra é importante, para que o aluno, assim como na história, consiga se desenvolver. Ao encontrar apoio, comprometimento e ajuda, o aluno pode desenvolver suas habilidades, e essa atitude faz com que ele se sinta mais estimulado a crescer e aprender com qualidade e respeito.

Apesar da dificuldade, o livro também chama a atenção para o acompanhamento familiar. No caso de João, a mãe percebe a dificuldade e se empenha na tarefa de descobrir o motivo daquilo que poderia estar prejudicando o seu desenvolvimento, e é nesse momento que a mãe decide levá-lo à escola para descobrir se o comportamento era semelhante e, a partir de então, auxiliá-lo, promovendo seu desenvolvimento. Depois da descoberta do transtorno, percebe-se um avanço no ensino-aprendizagem de João, uma vez detectado o motivo de suas dificuldades, foi possível compreender suas limitações, assim como desenvolver novas metodologias de aprendizado, que contribuíram para o reconhecimento de suas potencialidades e para sua formação.

O reconhecimento da palavra é fundamental para uma boa leitura. Isso demanda domínio dos elementos fonéticos e estruturais das

palavras, silabação e aquisição de um amplo vocabulário visual. Diante disso, é fundamental o preparo e a atualização dos conhecimentos por parte dos professores. Se o professor estiver desatualizado ou, pior, se não tiver conhecimento de causa, dificilmente auxiliará a suprir as necessidades apresentadas pelas crianças que têm distúrbio de leitura. (BARBOSA, 2013, p. 15).

A alfabetização é considerada como um processo lento que ocorre durante os primeiros anos de escolarização da criança, e é nessa fase inicial que pode ser despertado o interesse pela leitura e escrita. No caso de João, o desenvolvimento em sua aprendizagem começa quando a família e a escola percebem e respeitam sua condição, mudando a maneira de ensinar e até mesmo de avaliá-lo. É importante ressaltar que, para a criança disléxica, o modo de intervenção deve ser diferenciado, pois exigirá um olhar e um ouvir voltado a ela, respeitando a dificuldade de ler e escrever, sendo fundamental que o alfabetizador observe os movimentos da mão ao escrever e da boca ao falar.

3.2 ALGUNS ASPECTOS ACERCA DA DISLEXIA

Ressalta-se que a alfabetização é pautada no ensino desempenho da codificação e decodificação de palavras. No caso da criança disléxica, esse desempenho sofre alterações, uma vez que ela não consegue se desenvolver como as outras crianças. Isso acontece pela dificuldade que ela tem de decodificar códigos. No final do século XIX, mediante a criação de novos métodos de alfabetização baseados em algumas habilidades dos mais antigos, como os métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) e os métodos analíticos (global), estabeleceu-se uma certa ordem na leitura e escrita. A trajetória de alfabetização foi transportada para a sala de aula com o auxílio também das cartilhas no século XIX. Foi nesse período que a educação caminhou lentamente, passando por muitas dificuldades com relação ao aperfeiçoamento dos métodos, em razão das crianças não conhecerem as nomenclaturas e os conceitos dos transtornos existentes, como a dislexia.

Magda Soares (2004) chama atenção para o fato de que, por diversas vezes, o letramento pode ser um processo complexo, podendo ser visto e associado à alfabetização. Contudo apresentam diferenças notáveis, inclusive, a de que o aluno não seja propriamente alfabetizado, termo que é conceituado de modo diferente por autores que estudam o fenômeno, mas que, em suma, pode se dizer que se trata de um processo histórico social sobre diferentes suportes. Magda Soares (2004) diz que não é muito difícil separar a alfabetização do letramento. Baseado nos conhecimentos da autora sobre as estruturas psicológicas, linguística e

psicolinguística em leitura e escrita, o caminhar da criança no mundo da escrita acontece pela aquisição do sistema convencional de alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso do sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita e o letramento. No contexto, Vale lembrar que estes não são processos independentes, mas interdependentes, que dependem um do outro, são indissociáveis. A alfabetização só acontece por meio de práticas sociais de escrita e leitura, isto é, através de atividades de letramento e este, por sua vez, só deve ser desenvolvido no contexto de aprendizagem das relações fonêmicas e grafêmicas, ou seja, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 38).

É importante apontar que a genética e suas dificuldades podem ser responsáveis por uma série de transtornos existentes nos dias atuais, pois nem todas as crianças se desenvolvem da mesma forma. Quando a criança entra na escola, espera-se que tenha uma noção inicial da língua falada. Ela não sabe ler e escrever, mas será dessa maneira que, junto com o professor alfabetizador, começará a exercer as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na nossa sociedade (SOARES, 1999). Assim sendo, conclui-se que a criança com transtorno apresenta mais dificuldade no processo linguístico fonológico. Em sala de aula, ela precisa enfrentar a falta de tolerância de alguns colegas e até mesmo de alguns professores. Percebe-se, então, que a criança com transtorno sofre uma infinidade de traumas ao entrar em contato com o mundo letrado, uma vez que não se sente parte de um todo por não conseguir acompanhar o mesmo ritmo dos outros alunos. Segundo Fregonezi (1999), a consequência é inevitável, pois diante da situação descrita, em que o aluno descobre que o código de comunicação utilizado por ele é rejeitado pelo sistema escola, passa a ter receio de comunicar-se, haja visto que ainda não incorporou a linguagem certa, ou seja, a linguagem padrão da escola, e aos poucos vai perdendo o incentivo e a vontade de se comunicar, oralmente e por escrito, criando barreiras diante das atividades escolares.

Ainda de acordo com Fregonezi (1999), a escola comprometida precisa ficar atenta para que as crianças aprendam a desenvolver a linguagem sem sofrer preconceitos. Dessa maneira, caso isso aconteça, a criança precisará de acompanhamento psicológico para não sofrer bullying. Peloso e Silva (2014, p. 26) apontam que os diversos ambientes em que vivem as crianças precisam de consideração e respeito. Para conhecer uma criança disléxica, é fundamental o profissional compreender suas limitações e trabalhá-las. Quando isso não acontece, este não está preparado para analisar a criança, sendo necessária a ajuda de um psicopedagogo na escola, a fim de que a criança não seja taxada como um disléxico e sim ser tratada igual aos demais.

Cabe ao docente desenvolver as quatro habilidades fundamentais da linguagem verbal: leitura, escrita, fala e escuta. Destas, a leitura e a habilidade linguística são as mais complexas, sendo as mais diretamente relacionadas com a dificuldade específica de acesso ao código escrito denominado Dislexia (PINTO, 2003). Para diagnosticar uma criança disléxica, é preciso que o educador a tenha analisado por algum tempo, para encaminhá-la a um possível diagnóstico e, ao apresentar dificuldades na leitura, entrar em ação. O momento de alfabetização pode ser entusiasmado por muitos processos de intercessão que promoverão o sucesso tanto da criança quanto do professor. Essa tarefa, quando bem desempenhada pelo alfabetizador, traz resultados significantes, pois cabe a ele a função de abrir as portas do conhecimento às crianças.

Nesse contexto, vale ressaltar quais seriam os processos de intervenção para alfabetização de criança disléxica: o processo de alfabetização em crianças disléxicas deve ser feito com acompanhamento de um conjunto de especialistas, como pedagogo, psicólogo e fonoaudiólogo, no sentido de apoiar o processo escolar; a presença do neurologista só será essencial quando a criança tiver necessidade de medicação para controlar a ansiedade, com o intuito de ajudá-la a vencer, dentro do possível, sua dificuldade na leitura e escrita.

Como é determinado no estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n 8.069, de julho de 1990), todas as crianças têm direito à educação e também a necessidade de uma intervenção psicológica quando necessário. No que se refere aos apoios institucionais, Fernandes e Penna (2008) afirmam que a criança, por não compreender o que lê, e apresentar escrita incompreensível, perde o interesse pelas práticas educativas.

Quando a criança é compreendida pela família antes de iniciar o processo escolar, é possível sanar ou minimizar esta dificuldade, pois a família buscará apoio, com equipes especializadas no assunto. Ressalta-se que, se acontecer o fato dentro da escola, assim como a identificação destas, a intervenção pode vir a acontecer, segundo Fernandes e Penna (2008), por meio do método multissensorial que une as modalidades visuais, sinestésica e tátil, relacionadas entre si, e estabelece a conexão entre aspectos visuais, referentes à forma ortográfica da palavra; auditivos, quanto à forma fonológica; e sinestésicos, os movimentos necessários para a execução da escrita.

São de fundamental importância as informações fornecidas sobre o desenvolvimento da criança, o histórico familiar, o desempenho escolar, métodos de ensino e repertório adquirido. Deve, ainda, ocorrer troca de informações entre os pais, escola e ONGs que se dedicam à educação. (FERNANDES; PENNA, 2008, p. 30).

Fernandes e Penna (2008) descrevem que a consciência fonológica deve ser ensinada de forma sistemática, seguindo a seguinte sequência:

- vogais: a, e, i, o, u;
- consoantes prolongáveis: f, j, m, n, v, z;
- consoantes que possuem mais de um som: l, s, r, x;
- consoantes mais difíceis de pronunciar: b, c, p, d, t, g, q;
- consoantes pouco utilizadas: k, w, y;
- dígrafos: ch, nh, lh, rr, ss, gu, qu;
- letras de sons irregulares: e, g, r, s, l, m, x, ç;
- encontros consonantais.

Quando apresentadas para a criança, as letras fonológicas devem estar todas maiúsculas para facilitar a compreensão e a decodificação. E para que um bom trabalho psicopedagógico seja feito, a parceria entre família e escola é muito importante, e ainda que seja um caminho lento, quando feito com carinho e dedicação para o bem de uma criança, recompensa todos os esforços até então. Para a criança, o ato de brincar faz com que ela aprenda e constitua um mundo à parte (CHATEAU, 1987). Entende-se que, como a brincadeira é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar e leva consigo de geração a geração, é o caminho que facilita a compreensão do mundo. A teoria do brincar, de acordo com Kishimoto (1994), pode ser estimulada pelas cantigas de roda, dominó, boliche, pega-pega, massinhas de modelar, entre outras. Todas as brincadeiras podem ser feitas já no início da alfabetização da criança disléxica.

Visto que a Dislexia não se trata de uma doença, a criança pode desenvolver a coordenação motora com muita brincadeira, assim como pode não acontecer, como já vimos. É de suma importância lembrar que sobrecarregar as crianças com leitura e escrita, já na primeira fase de alfabetização, não é recomendável (KISHIMOTO, 1994). A criança com Dislexia deve ser respeitada e tratada de acordo com suas limitações, jamais devendo ser negligenciada pela família, escola ou órgãos públicos. Para Lima (2002), a escola tem função de ampliar a experiência humana, assim sendo, ela não pode ser limitada ao que é significativo para o aluno, devendo criar situações favoráveis ao ensino aprendizagem e que somem possibilidades nas análises de sentidos do indivíduo com transtorno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, a partir do estudo proposto, que o transtorno nomeado Dislexia causa impacto direto no processo de ensino-aprendizagem do aluno, e que a família e a escola precisam estar atentas e comprometidas com o aluno disléxico, uma vez que o direito à educação lhe é garantido por lei. Percebe-se, por meio deste estudo, que o aluno disléxico não é incapaz, mas que precisa de metodologias que vão ao encontro às suas necessidades, como podemos ver no livro “João, preste atenção!”, de Patrícia Secco, que retrata um pouco do que acontece com uma criança que sofre deste tipo de transtorno.

Diante disso, há necessidade de que o profissional da educação adote uma nova postura em relação ao processo ensino-aprendizagem das crianças com dificuldade na leitura e escrita.

5. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/o-que-edislexia/>>. Acesso em: out. 2017.

BARBOSA, Cláudia Freitas Franco. **Dislexia**: dificuldades de aprendizagem na escola. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira. PR. 2013.

CHATEAU, Jean. **A criança e o jogo**. São Paulo: Sammus, 1987.

CONDEMARIN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia manual de leitura corretiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERNANDES, Rosely Aparecida; PENNA, James dos Santos. Contribuições da psicopedagogia na alfabetização dos disléxicos. **Revista Terceiro Setor**, v. 2, n. 1, 2008.

FREGONEZI, Durvali Emilio. **Elementos de ensino de língua portuguesa**. Linguística. São Paulo, 1999.

INHAEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. 8ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LIMA, Elvira Souza. **Quando a criança não aprende a ler e a escrever**. São Paulo: Editora Sobradinho, 2002.

PELOSO, Franciele Clara; SILVA, Sandra Salette de Camargo. **Infância e inclusão social**: cenas da experiência humana. Curitiba: Íthala, 2014.

PINTO, Maria Alice Leite (org.). **Psicopedagogia diversas faces: múltiplos olhares**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

SECCO, Patrícia. **João, preste atenção!** São Paulo: Modelo, 2005.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento**. Livro do professor. São Paulo: Moderna, 1999.